

## A ALFABETIZAÇÃO A PARTIR DA PSICOGÊNESE DE EMÍLIA FERREIRO.

Lívia Maria Ferreira da Fonseca <sup>1</sup>  
Jorge Antonio Lima de Jesus <sup>2</sup>

### RESUMO

O processo de alfabetização nem sempre foi pesado ou planejado como nos dias atuais. Em diferentes momentos da história ele sofreu mudanças passando de um contexto tradicional para um modelo de Alfabetização através da psicogênese da Emília Ferreiro. O objetivo desse trabalho é levar o leitor a refletir e compreender a importância dos estudos de Emília Ferreiro e os avanços que a alfabetização conquistou ao longo dos anos no Brasil e no mundo. A construção deste trabalho se deu através da pesquisa bibliográfica qualitativo-descritiva na qual foram analisados trabalhos que estavam associadas à Emília Ferreiro e do seu livro “Alfabetização em processo” obra bastante conhecida e usada como base entre educadores de vários países. A alfabetização, nem sempre contemplava todas as habilidades cognitivas das crianças, os educadores eram limitados por meios de métodos pensados sem levar em consideração as especificidades, e por mais que os anos tenham se passado, ainda existem dificuldades de compreender o quanto a alfabetização é um processo difícil de ser compreendido apenas pela visão dos adultos e não pela das crianças.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Criança. Linguagem. Psicogênese.

### INTRODUÇÃO

A alfabetização a partir dos anos de 1980 passou a ser repensada no país devido à teoria da Psicogênese de Emília Ferreiro. A sua investigação acadêmica a respeito da alfabetização, iniciada em 1979, revolucionou o jeito de ensinar as crianças a ler e escrever e fez da autora uma referência mundial sobre o tema, porém com o passar dos anos poucas coisas mudaram no cotidiano de sala de aula e alguns métodos tradicionais ainda continuam presentes e não levam em consideração a criança como este sujeito cognoscente.

Este trabalho tem como objetivo trazer à discussão e compreensão sobre este importante momento da história da alfabetização no Brasil, apresentando aspectos do pensamento da pesquisadora Emília Ferreiro (1937 – 2023) sobre alfabetização, com ênfase em suas concepções a respeito do processo de construção do conhecimento da língua escrita, por parte de crianças, a partir da obra “Reflexões sobre Alfabetização”

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará – UFPA – Campus Castanhal – PA. <liviaria@gmail.com>

<sup>2</sup> Professor Mestre em Gestão e Currículo da Educação Básica (UFPA, 2022), Professor substituto do Campus Universitário da UFPA – Castanhal – PA. <jorgejesus@ufpa.br>

(FERREIRO, 1981), pois a autora defende uma ideia contrária a Alfabetização tradicional com memorização, repetição e o uso de cartilhas.

Portanto, ainda é preciso retomar este percurso histórico, para além dessa proposta de “mudança de olhar” sobre o processo de alfabetização, a “revolução conceitual” proposta está, também, relacionada com a própria concepção de língua escrita e de alfabetização do sujeitos que a escola quer formar. Para a pesquisadora, a língua escrita deve ser entendida como um sistema de representação da linguagem, e que as crianças possuem um papel ativo e essencial em seu processo de alfabetização, construindo o próprio conhecimento; ou seja, apresenta que a alfabetização como um processo construído a partir de diversas interações que os sujeitos fazem com o meio social, na escola, na família e compreende que toda criança possui inteligência e é capaz de formular e desenvolver suas próprias hipóteses.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa traz o embasamento teórico-metodológico de uma pesquisa qualitativa exploratória do tipo de revisão bibliográfica conforme os estudos de Gil (2008); foi desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos já publicados. Nesse contexto, a obra utilizada, principalmente, é o livro "Reflexões sobre a alfabetização", de Emília Ferreiro lançado em 1981, este livro é um dos materiais publicados pela autora para quem quer iniciar o estudo a respeito da psicogênese da língua escrita. Trata-se da síntese das principais contribuições de Ferreiro (1981) para a história e as descobertas sobre a alfabetização no país.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

É necessário compreender a história do nosso país para saber como a alfabetização foi desenvolvida ao longo dos anos. Santos (2013) conta como a “educação” chegou com os jesuítas, que tinham como objetivo catequizar os povos indígenas e a alfabetização era uma consequência desse processo. Que depois da expulsão desse grupo religioso, a Educação ficou como uma atividade exclusiva das elites. E com o passar dos anos, foi sofrendo mudanças significativas, que dificultavam o acesso da alfabetização a todos, pois a educação era totalmente excludente.

O fracasso da alfabetização veio se arrastando ao longo dos anos, estudiosos há muito tempo vem discutindo sobre as dificuldades de ensinar as crianças brasileiras a ler e escrever. Diversos métodos para alfabetizar foram e estão sendo desenvolvidos e aplicados, buscando recuperar as lacunas deixadas ao longo dos anos e do descaso coma educação brasileira, principalmente no que tange a aquisição da leitura e escrita.( Santos, 2013, p18)

Esse cenário ganha uma estrutura nova, quando em 1980 os estudos de Emília Ferreiro acabam influenciando educadores brasileiros a repensar a alfabetização como uma estrutura complexa, que precisa ser desenvolvida respeitando suas fases. Segundo Santos (2013, p 56):”Alfabetizar vai além de métodos e técnicas de ensino, é preciso se buscar o real sentido da alfabetização levando em conta a realidade e a maturidade dos educandos, mostrando a eles qual o objetivo e a necessidade de ler e escrever.”

Neste contexto, Ferreiro (1981) traz em seus estudos, reflexões sobre esta possibilidade de pensar a criança como o principal agente de seu aprendizado; é como se todos os adultos em um certo momento apagassem de suas memórias como todos aprenderam a ler e a escrever, e que finalmente daqueles signos que antes não possuíam significado e que passaram a ser uma das principais formas de comunicação na sociedade. E preciso pensar que a escrita não é algo natural da humanidade, ela é um processo fruto das sociedades, logo algo cultural.

Em suas pesquisas Ferrero e Teberosky possibilitaram uma análise maior sobre o processo de alfabetização, olharam a origem. Se questionando como é que se aprende a linguagem. E a partir, das análises piagetianas elas buscam respostas para esse questionamento. Pois Piaget, não tinha nenhum estudo sobre a aquisição da linguagem, mas através do método clínico, elas comprovaram como os indivíduos adquirirem a linguagem escrita e como é desenvolvida através de fases que ficaram divididas em níveis: pre-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Com essa divisão e perceptível que em cada momento dessas fases, as crianças vão se apropriado da linguagem através de suas interações cotidianas. O que Mendonça e Mendonça (2011,p.38) organizam em:

[...] uma linha regular, organizada em três grandes periodos: 1")o da distinção entre o modo de representação icônica (imagens)ou não icônica (letras, números, sinais); 2") o da construção de formas de diferenciação, controle progressivo das variações sobre o eixo qualitativo (variedade de gra-fias) e o eixo quantitativo (quantidade de grafias). Esses dois periodos configuram a

fase pré-linguística ou pré-silábica; 3") o da fonetização da escrita, quando aparecem suas atribuições de alfabético. sonorização, iniciado pelo período silábico e terminando no alfabético.

Desde pequenas as crianças possuem contato com os signos e aos poucos vão dando seus significados, para palavras, letras, números é uma aprendizagem construtivista, que aos poucos vão sendo encaixadas na realidade e significado social. Vão desenvolvendo sua escrita, através de fases que possibilitam essa apropriação, o que segundo Ferreiro, (1981, p.41):

E preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu.

Essa discussão ainda é super atual, pois desde 1980 até os dias atuais, as dificuldades continuam existindo quando se pensa em alfabetizar crianças, jovens e adultos. Compreender a complexidade, acaba dificultando o acesso ao mundo letrado. E diferentes documentos, foram criados com o intuito de amenizar o analfabetismo no Brasil, a Lei 13.005/2014, a BNCC são exemplos que mostram o quanto alfabetização ganhou um novo olhar. Mas, o que não muda a estrutura, tradicional que ainda está enraizada na sociedade brasileira.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir da pesquisa bibliográfica realizada sobre como a alfabetização foi pensada e desenvolvida ao longo período da história brasileira e acabou sendo materializada com diferentes mudanças, que resultaram em uma enorme desigualdade no país, pois a alfabetização era um processo restrito às elites ou pequenos grupos sociais. Com o intuito de mudar esse cenário desigual, muitos métodos de ensino foram criados, como a introdução de cartilhas, pois ensinar as letras era uma tentativa de alfabetizar pelo método sistemático. o qual passou a ser conhecido e amplamente divulgado como solução para o analfabetismo (Santos, 2013).

Entretanto, essas metodologias desenvolveram uma alfabetização de memorização que não contemplava, toda a estrutura cognitiva das crianças, o que implicava em uma grande dificuldade de alfabetização nas escolas brasileiras. Assim, o

Brasil precisava sair da metodologia de uma alfabetização mecânica, e necessitou mudar a visão que se tinha da alfabetização. O que veio ocorrer no ano de 1980 com as influências dos estudos de Emília Ferreiro e de Ana Teberosky, que trouxeram a teoria da psicogênese da linguagem e escrita, resultando na mudança metodológica e a inserção de novas práticas de ensino das primeiras letras que passaram a atender às necessidades das crianças em diferentes etapas do processo de alfabetização.

Assim, as contribuições de Ferreiro e Teberosky (1986) no Brasil, impulsionadas uma mudança na forma de se pensar e na melhoria da qualidade da alfabetização, e adotado pelos mais importantes sistemas públicos de ensino. Desde esse tempo, vieram abalando as crenças e os fundamentos da alfabetização tradicional, mudando drasticamente a linha de ensino das escolas e levando os professores a um grande conflito metodológico. porém, poucas coisas mudaram, e o analfabetismo e o alfabetismo funcional ainda estão presentes, pois é necessário repensar as práticas pedagógicas existentes e compreender de fato como as crianças são alfabetizadas.

Portanto, analisar a história do Brasil e da Alfabetização no país, é perceber que o analfabetismo é um problema estrutural, que não vai ser solucionado facilmente, e a Lei nº 13.005/2014 o PNE, como vigência de dez anos, que possui vinte metas, com o objetivo a erradicação do analfabetismo e fazer das escolas um lugar de possibilidades para a construção de indivíduos letrados, o que pode ter possibilitado um grande avanço na alfabetização no país, e segundo os dados do IBGE de 2022, os resultados são bons quando relacionados a anos anteriores.

De acordo com os dados, a taxa de analfabetismo caiu de 6,1% em 2019 para 5,6% em 2022, isso corresponde a uma redução de 0,5 ponto porcentual dessa taxa no País, ou seja, cerca de 490 mil analfabetos a menos. O levantamento mostrou também que mais da metade das pessoas que não sabiam ler e escrever tinham 60 anos ou mais e que a taxa de analfabetismo de pretos e pardos é duas vezes maior do que a dos brancos. Ao analisar as regiões do País, o Nordeste tinha a taxa mais alta, de 11,7%, e o Sudeste, a mais baixa, de 2,9%. (Brasil – IBGE, 2022).

Por mais que a taxa de analfabetos tenha reduzido, é preciso pensar nos mais de dez milhões de pessoas que ainda não sabem ler nem escrever, reforçar a educação e transformar as práticas de ensino e contextualizar com as vivências dos alunos e crianças. E esses dados, mostram a realidade de uma educação excludente que deixou suas marcas, quando pensada na população mais velha que não tiveram oportunidades de ser alfabetizados.

Neste contexto, a leitura das obras “Reflexões sobre alfabetização” (Ferreiro, 1981) assim como “Psicogênese da língua escrita” (Ferreiro; Teberosky, 1986), são

indispensáveis para a formação de professores alfabetizadores e professores da Educação Infantil e Anos Iniciais, pois, se trata de trabalhos essenciais à formação destes profissionais; que independente da época que foram escritos, são atuais pois, desenvolvem um olhar sobre os processos em que as crianças em diferentes etapas da alfabetização estão passando.

As crianças possui o contato com as letras e números desde a sua consciência de mundo, desde a tenra idade, e começam a formular uma série de hipótese que lhe garantem dar algum significado para elas. E que a partir do momento de assimilação através de suas vivências e experiências, elas aos poucos se aproximando do real significado que esses códigos possuem para os adultos. Mas se trata de um longo processo bastante complexo que necessita de compreensão, para que ocorra de forma significativa.

É preciso desconstruir, a ideia de que a alfabetização se trata de uma atividade exclusiva das escolas, e que o conhecimento adquirido fora do ambiente escolar não tenha importância para esse processo. E independente desta criança ter contado ou não com livros e revistas, todas passam pelo mesmo processo de compreensão desses códigos linguísticos e o momento em que os educadores desmerecem os saberes e a capacidade em que esses indivíduos possuem de construir seus próprios conhecimentos, este educador acaba controlando o que poderia ser construído naturalmente.

Ainda, segundo o documento da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), vem defender que desde seu nascimento a criança adquire seus conhecimentos, porém é apenas nas séries iniciais no 1º e 2º ano e que ela vai poder ter acesso a alfabetização, pois a língua portuguesa possui bastante complexidade e antes de estar apto para a alfabetização, o indivíduo necessita compreender e saber utilizar as letras, desenvolver sua consciência fonológica para assim iniciar a sua vivência com os códigos linguísticos possibilitando a imersão no mundo letrado.

A própria BNCC (BRASIL, 2017), referenda a alfabetização como uma atividade exclusivamente escolar quando classifica em série a alfabetização, mas ela não anula os conhecimentos adquiridos a partir das vivências. Porém, muitos educadores acabam não validando essa informação e a alfabetização, volta a ser pensada com metodologias que mecânicas o que dificulta ainda mais a apropriação da linguagem, pois estas crianças podem não ter desenvolvido ou estar preparadas para apenas no ensino fundamental começarem a ser alfabetizadas.

Portanto, os trabalhos presentes na obra de Emília Ferreiro trazem uma reflexão essencial para que os educadores problematizem e repensem a alfabetização, os conceitos sobre a linguagem e a escrita, o que segundo Coelho (1991), é preciso que o adulto alfabetizado conheça os princípios da evolução psicogenética o que dá possibilidades para o professor no ensino e aprendizado contemplem o educando, com atividades e metodologias construtivistas. Com esse ponto de vista, o aluno é o sujeito mais importante do processo de ensino e de aprendizagem no espaço escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por mais, que os estudos de Emília Ferreiro, desenvolvesse uma nova forma de pensar como ocorre a alfabetização. Muitos dos métodos tradicionais ainda continuam sendo utilizados em sala de aula. As obra de Ferreiro (1981) instiga o educador e dá subsídios para que ele questione sua prática e revitalize o modo de compreender o processo de alfabetizar as crianças, dialogando com várias possibilidades de alfabetizar, pois Ferreiro (1981) traz uma discussão mediada pela investigação do jeito de ensinar para o que tem de ser aprendido, com foco nas concepções que as crianças têm sobre o sistema de escrita, e prioriza a análise das produções infantis, contribuindo para o sucesso da alfabetização no espaço escolar.

Entretanto, ainda existem muitos métodos de alfabetização que são vendidos nas redes sociais, como métodos que tem a finalidade de alfabetizar uma criança em poucos meses, alguns criados a partir da teoria de Emília Ferreiro, mas nenhum deles gera uma reflexão sobre como compreender a criança como sujeito desse aprendizado. Assim, precisamos destas possibilidades e estratégias de ensino da alfabetização, propiciando a criança como este sujeito ativo de suas elaborações infantis a respeito das marcas da linguagem expressas no mundo que as rodeia, diante de construções tão inteligentes, ao termos a consciência de quer as crianças pensam e como pensam, permitindo que sejam abertos novos caminhos, de forma compromissada e responsável para que os professores possam cada vez mais e melhor terem esse conhecimento de Emília Ferreiro para planejar as aulas de alfabetização.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME,2017.Disponível em:<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2023.

Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024** : Linha de Base. – Brasília, DF : Inep, 2015.

COELHO, Nelly N. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo: Ática,1991.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização** . 1ª. Edição 1981. São Paulo: Editora Cortez, ed.26,2011.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Corrêa de. **Psicogênese da língua escrita: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização**.**Universidade Estadual Paulista“Júlio de Mesquita Filho”**. Agos,2011.

SANTOS, Andréa Ferreira dos. **O processo de alfabetização na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura). Universidade Federal da Paraíba, Modalidade a distância, 2013. 36 f.